

O self no espaço compartilhado: a subjetividade relacional em Winnicott

The self in the shared space: relational subjectivity in Winnicott

Heliane de Almeida Lins Leitão

Resumo

Este trabalho apresenta a teoria de Winnicott como uma versão da psicanálise que amplia e aprofunda uma concepção relacional da subjetividade. Afastando-se do modelo pulsional e enfatizando o espaço interpessoal, Winnicott compreende a subjetividade constituída na indissociabilidade com o ambiente. Herdeiro dos teóricos das relações objetais, Winnicott apresenta uma concepção de self dialeticamente constituído na relação com outras pessoas. Entretanto, para além de mecanismos de projeção, ressalta que a realidade e externalidade do objeto são necessárias para o reconhecimento do outro e o estabelecimento de relações alteritárias. O conceito de espaço potencial radicaliza a centralidade do outro na constituição subjetiva, destacando a interdependência e sobreposição dos processos intra e intersíquicos numa área intermediária de experiência. Supera, assim, o binarismo intrapsíquico/intersíquico, oferecendo um modelo dialógico para compreender a subjetividade. Implicações desta perspectiva para o debate contemporâneo nos campos do desenvolvimento humano, clínica psicanalítica e teoria social são apontadas.

Palavras-chave

Subjetividade, Psicanálise relacional, Winnicott

Abstract

This paper presents the theory of Winnicott as a version of psychoanalysis that broadens and deepens a relational conception of subjectivity. Rejecting the drive model and emphasizing the interpersonal domain, Winnicott understands that subjectivity is constituted in inseparability with the environment. Indebted to object relations theorists, Winnicott presents a conception of self dialectically constituted in relationship with other people. However, beyond to projective mechanisms, he points out that reality and externality of the object are necessary for the recognition of its otherness. The concept of potential space consolidates the centrality of other people in individual constitution, highlighting the interdependence and overlapping of intra and intersychical processes in an intermediate area of experience. Overcomes, therefore, the intrapsychic/intersychic binarism, offering a dialogic conceptual model for subjectivity. Implications of this approach for contemporary debate on human development, social theory and psychoanalytic practice are indicated.

Keywords

Subjectivity, Relational psychoanalysis, Winnicott

Heliane de Almeida Lins Leitão
Universidade Federal de Alagoas

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutorado em Psicologia pela University of Kent e pós-doutorado em Psicologia pela University of Kent, Inglaterra. Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas, atua como docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Experiência na área da Psicologia Clínica e pesquisas sobre o desenvolvimento humano relacionadas aos seguintes temas: infância, gênero, família, saúde mental e psicanálise.

Introdução

A psicanálise clássica é frequentemente criticada por enfatizar processos intrapsíquicos e por apresentar uma concepção de subjetividade centrada no inconsciente individual em detrimento do contexto relacional e social. Tal questionamento revela uma tendência, relativamente recente, de contestar concepções de subjetividade que assumem uma visão solipsista, típica do pensamento predominante na modernidade. Esta tendência responde, em parte, a demandas contemporâneas de valorização do campo da intersubjetividade e de reconhecimento do outro enquanto sujeito, como exigência ética e condição para o estabelecimento de relações genuinamente alteritárias (FIGUEIREDO, 2009).

O reconhecimento de que outras pessoas têm uma participação importante na construção da subjetividade é inegável e aparece de formas variadas em diferentes tradições da psicanálise. Em seu conceito de identificação, Freud (1976 [1921]; [1924]) mostrou a importância das relações interpessoais e do papel de outras pessoas na constituição da vida psíquica. Embora focalizando processos intrapsíquicos, Freud afirma que o ego não é independente e isolado, mas se constitui a partir e através da assimilação de características dos objetos afetivamente importantes. Os pós-freudianos Melanie Klein e Donald Winnicott avançam na concepção de um sujeito dialeticamente constituído na relação com outras pessoas. No entanto, Klein e Winnicott diferem na compreensão do que constitui as relações de objeto. Enfatizando processos psíquicos internos, o conceito kleiniano de identificação projetiva informa que o indivíduo é criado através da dinâmica de mecanismos de introjeção e projeção na relação com o objeto (KLEIN, 1986 [1946]; [1952]). Winnicott, no entanto, aponta a relevância do fator externo ou ambiental, propondo uma teoria da subjetividade centrada na interdependência indivíduo-ambiente (WINNICOTT, 2000 [1952]).

O objetivo deste trabalho é evidenciar a contribuição original de Winnicott para uma concepção relacional de subjetividade. Inicialmente será discutido o lugar do pensamento do autor no contexto das teorias das relações objetais e na conseqüente ‘virada’ relacional na psicanálise. Em seguida, serão apresentados os conceitos winnicottianos de unidade indivíduo-ambiente (WINNICOTT, 2000 [1952]) e fenômenos transicionais no espaço potencial (WINNICOTT, 1975 [1971a]), destacando a perspectiva relacional e dialógica na sua concepção de self. É importante esclarecer que o termo self se refere ao conjunto de todos os aspectos da personalidade que constituem o eu pessoal, distinto do não-eu, representando “um sentimento de ser subjetivo” (ABRAM, 2000, p.221). O conceito de self, portanto, exprime a concepção de subjetividade presente no pensamento de Winnicott. Ao final, serão apontadas implicações dessa perspectiva relacional para a teoria do desenvolvimento humano, a clínica psicanalítica e a teoria social.

Teorias das relações objetais e psicanálise relacional

Os norte-americanos Jay Greenberg e Stephen Mitchell (1994) formularam um modelo de psicanálise relacional, buscando aproximar a tradição interpessoal americana e a dos teóricos ingleses das relações objetais. Segundo estes autores, Klein e Winnicott são representantes do grupo britânico de teóricos das relações objetais, tendo influenciado decisivamente uma perspectiva relacional na psicanálise.

A perspectiva relacional alinha-se com uma tendência do pensamento contemporâneo que substituiu o paradigma positivista e objetivista na ciência por modelos que privilegiam o campo interativo, tais como o relativismo, o construtivismo, o construcionismo e as teorias de gênero. A psicanálise

relacional afasta-se, assim, de uma ênfase nos processos intrapsíquicos da psicanálise clássica freudiana para focalizar o contexto relacional.

Segundo Clarke, Hahn e Hoggett (2008), embora a chamada psicanálise relacional tenha surgido nos EUA, especialmente ligada aos nomes de Stephen Mitchell, Jessica Benjamin e Thomas Ogden, suas origens estão fortemente associadas ao movimento psicanalítico britânico representado pelos teóricos das relações objetais, notadamente Donald Winnicott, William Fairbairn e Wilfred Bion. Estes autores enfatizam que a 'virada' relacional critica o que considera uma posição autoritária da psicanálise tradicional, propondo um modelo mais dialógico e mais engajado com questões sociais.

As teorias das relações objetais contrastam com a psicanálise freudiana tradicional, principalmente por sua ênfase nas relações ao invés de nas pulsões. Além disso, deslocam a atenção da triangularidade da situação edipiana para a relação diádica mãe-bebê. Segundo Zeal (2008), afastando-se do modelo intrapsíquico e focalizando nas relações intersubjetivas e na relacionalidade, as teorias das relações objetais substituem a metáfora paterna da psicanálise clássica pelos seus equivalentes maternos.

Segundo as teorias das relações objetais, o desenvolvimento humano ocorre, desde o seu início, através de relações interpessoais (internas e externas), sendo a intersubjetividade a base para o que acontece na mente e no setting clínico. Estas teorias apontam para o contexto relacional do desenvolvimento, enfatizando capacidades que emergem na interação entre o self e as outras pessoas. Esta perspectiva assume a existência de uma disposição humana relacional, estando as pulsões subordinadas à busca pessoal por conexão. Enfatizando a necessidade humana por relações (Fairbairn, Winnicott) e por vínculo (Bowlby), a perspectiva relacional descreve o desenvolvimento da criança não primariamente em termos de zonas e atividades eróticas, mas principalmente em termos de mudanças nas necessidades relacionais. Neste sentido, há uma ênfase na experiência e na interação, ao invés de em tendências inatas, valorizando-se particularmente a resposta ambiental no mundo externo, como, por exemplo, a atitude e comportamentos dos pais.

Em suma, na perspectiva relacional, o intrapsíquico é considerado essencialmente resultante da experiência interpessoal, sendo as relações com os outros constituintes da vida mental. Em consequência, os processos do desenvolvimento emocional, assim como os fenômenos da clínica analítica, são compreendidos como emergentes do contexto das interações interpessoais, sendo construídos através delas.

Em resposta a frequentes críticas, os defensores da perspectiva relacional afirmam que não há uma negligência na atenção a processos intrapsíquicos tão caros à psicanálise, mas um interesse tanto por processos intrapsíquicos quanto interpsíquicos (LAYTON, 2008). O intrapsíquico é, então, compreendido como o resultado da internalização e elaboração individual idiossincrática das experiências relacionais que ocorrem no contato com a realidade externa. No entanto, a compreensão do modo como estes processos acontecem e como a interação entre experiências intrapsíquicas (internas) e interpsíquicas (compartilhadas) ocorrem, variam entre os autores. Na tradição kleiniana, por exemplo, a ênfase é colocada nos mecanismos de introjeção, projeção e identificação projetiva (KLEIN, 1986 [1946]; [1952]). Para Winnicott, os principais conceitos são fenômenos transicionais e ação compartilhada (WINNICOTT, 1975).

Qual seria, então, a contribuição de Winnicott para uma perspectiva relacional na psicanálise? Seria ele apenas um teórico das relações objetais? Ou suas ideias acrescentam alguma novidade à concepção de uma subjetividade dialeticamente construída na relação com os outros?

No contexto da psicanálise britânica, são, geralmente, identificadas duas tradições de teóricos das relações objetais: os kleinianos e os do

chamado Grupo Independente (British Independent Group) representados por Fairbairn, Balint, Winnicott e Bowlby. Enquanto Hahn (2008) e Hogget (2008) incluem tanto os kleinianos como os do Grupo Independente na tradição da teoria das relações objetais, Orbach (2008) e Izod (2008) apontam distinções entre os dois, argumentando que o Grupo Independente estaria mais em sintonia com uma tendência relacional na psicanálise do que o kleiniano. Orbach (2008) destaca que uma tendência relacional na psicanálise surgiu a partir de uma crescente ênfase nas relações interpessoais na realidade, característica distintiva do Grupo Independente. Izod (2008) avança na distinção entre os dois grupos, reconhecendo as origens da perspectiva relacional apenas em associação com o Grupo Independente, em particular com o trabalho de Fairbairn e Winnicott, os quais apresentam uma perspectiva das relações objetais que é socialmente orientada. Izod (2008) considera que a teoria kleiniana, enfatizando o mundo interno, apresenta a psicologia de uma pessoa, enquanto a psicanálise relacional propõe a psicologia de duas pessoas, focalizando o campo intersubjetivo. Para Orbach e Izod, portanto, a ênfase de Winnicott na experiência na realidade externa, ou seja, com pessoas reais no processo de desenvolvimento e no contexto da clínica, o distancia e distingue da teoria kleiniana das relações objetais.

Objetivando avançar neste debate, o presente trabalho revisita o pensamento de Winnicott, buscando evidenciar sua contribuição original para uma concepção relacional da subjetividade na psicanálise, a qual supera os binarismos internalidade/externalidade, intrapsíquico/interpsíquico, presentes nas teorias das relações objetais.

A perspectiva relacional de Winnicott

Os conceitos de unidade ambiente-indivíduo e experiências transicionais no espaço potencial estão articulados entre si e sintetizam a contribuição de Winnicott para uma perspectiva relacional na psicanálise.

A unidade ambiente-indivíduo

“Isso que chamam de bebê não existe”.

(Winnicott)

Para Winnicott, não se pode pensar o indivíduo fora do seu ambiente. Sua atenção está, principalmente, voltada para a relação entre a mãe e o bebê como o protótipo de relacionamentos no futuro. Segundo este autor, devido à dependência absoluta no início da vida, não é possível pensar no bebê como uma unidade, desconsiderando-se o seu ambiente, o qual é imprescindível para garantir sua sobrevivência física e psíquica. Nesta perspectiva, o indivíduo é compreendido como um elemento da unidade e não existe fora dela. Winnicott (2000 [1952]) apresenta, então, o conceito de ambiente-indivíduo, o qual constitui a unidade, afirmando que antes das relações objetais a unidade não é o indivíduo, mas o contexto ambiente-indivíduo. Em suas palavras:

[...] eu diria que antes das relações de objeto as coisas são assim: a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo. O centro da gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global. (WINNICOTT, 2000 [1952], p. 166).

1

Embora Winnicott tenha privilegiado o uso do termo ‘indivíduo’ ao longo de sua obra, no artigo sobre o uso do objeto (1975 [1969]) ele utiliza recorrentemente o termo ‘sujeito’ referindo-se ao indivíduo na relação com o objeto. Sem adentrar na discussão acerca da distinção e uso dos dois termos na psicanálise, fiz a opção de utilizar o termo ‘sujeito’ na apresentação desse ponto específico aqui, em consonância com o artigo citado. O termo indivíduo é, entretanto, usado nas demais partes do presente artigo, em referência ao pensamento do autor.

Winnicott destaca, assim, a importância vital do ambiente e da qualidade dos cuidados maternos nos estágios iniciais do desenvolvimento. Segundo ele (WINNICOTT, 1990), em condições de uma maternagem suficientemente boa, o bebê se desenvolve emocionalmente no sentido da integração do self como uma unidade, personalização (integração psicossomática) e estabelecimento de relações objetais. O ambiente é inicialmente representado pela mãe e os cuidados maternos, especialmente relacionados às necessidades do corpo. Além disso, a continuidade e consistência dos cuidados são fundamentais para proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento. Particularmente relevante nesta discussão é a importância atribuída por Winnicott à pessoa da mãe, em termos de sua atitude, atributos e disponibilidade em proporcionar uma provisão ambiental adaptada às necessidades da criança. Ele enfatiza a relação do bebê com uma mãe real que responde às suas demandas, a qual é, simultaneamente, criada e encontrada no ambiente externo (WINNICOTT, 1990).

A ênfase dada por Winnicott ao ambiente põe em evidência a centralidade do fator externo para os processos de constituição subjetiva. Seu conceito de ambiente é inovador na psicanálise, pois é compreendido também em termos de sua externalidade, para além de mecanismos projetivos. Tal concepção, revelada especialmente na distinção que apresenta entre o objeto subjetivamente concebido e o objeto objetivamente percebido, traz importantes repercussões para o campo relacional.

Winnicott (1975 [1969]) distingue o objeto subjetivamente concebido do objeto objetivamente percebido, o qual se refere ao outro no mundo externo. No contexto interpessoal, quando o indivíduo destrói o objeto em fantasia (internamente), mas o objeto sobrevive na realidade (externamente), surge a oportunidade para o reconhecimento da existência do objeto para além das projeções e do controle onipotente do sujeito¹. Esta experiência modifica a percepção que o sujeito tem do objeto, levando ao reconhecimento da sua externalidade e existência independente na realidade. A importância da qualidade do ambiente é ressaltada aqui, pois é necessário que o objeto sobreviva realmente à agressão a ele dirigida. A sobrevivência do objeto na realidade é, portanto, a condição para o alcance de uma importante capacidade relacional.

Essa transformação da percepção que o indivíduo tem do outro é, primeiramente, considerada por Winnicott no contexto da relação mãe-bebê. A capacidade para reconhecer o mundo externo é uma possibilidade do desenvolvimento da criança que depende da qualidade da provisão ambiental. Esta capacidade é de fundamental importância para o desenvolvimento emocional, possibilitando o que o autor denomina o uso do objeto, que se diferencia da experiência de relação de objeto (1975 [1969]). A relação de objeto refere-se a um fenômeno localizado no indivíduo, sendo o sujeito descrito como um isolado e o objeto concebido por projeção e identificação. Já na experiência de uso do objeto (que não significa explorar o objeto), este é reconhecido como independente do indivíduo, existindo em seus próprios termos. Winnicott aponta, portanto, que a percepção do outro como uma entidade é condição desta mudança:

Entre o relacionamento e o uso existe a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito (WINNICOTT, 1975 [1969], p. 125).

O reconhecimento de que o mundo externo e os objetos não são inteiramente criados pelo sujeito representa um importante avanço no desenvolvimento emocional. O indivíduo reconhece que os objetos não são

subjetivamente concebidos, mas tem existência própria e independente do seu controle mágico. O indivíduo torna-se capaz de reconhecer e considerar a realidade externa, a qual não pode ser controlada por ele, ao tempo em que pode ser compartilhada com outros. Tal reconhecimento é fundamental para o que Winnicott denomina a emergência do senso de self e para a possibilidade de relacionamentos fundados na reciprocidade e mutualidade.

A possibilidade de uso do objeto e suas repercussões relacionais se estendem para além da relação primária mãe-bebê. Destaca-se a importância do reconhecimento do outro como uma entidade, com uma mente e um centro pessoal de necessidades, sentimentos e desejos, pois tal aquisição permite o estabelecimento de relações alteritárias, com profundas implicações éticas.

A perspectiva de Winnicott difere, portanto, da que predomina nas teorias das relações objetais inspiradas nas ideias kleinianas, as quais enfatizam objetos internos e processos de projeção e introjeção. Estas descrevem uma pessoa como sujeito em relação com outra pessoa, a qual é, no entanto, considerada e descrita como objeto e não como um sujeito em seus próprios termos. Winnicott afirma esta distinção conceitual, ao comentar a mudança decorrente da aquisição da capacidade de uso do objeto:

Daí em diante, tendo sido atingido esse estágio, os mecanismos projetivos auxiliam no ato de notar o que está ali, mas não constituem o motivo pelo qual o objeto está ali. Em minha opinião, isso se afasta da teoria que tende a conceber a realidade externa apenas em termos dos mecanismos projetivos do indivíduo (WINNICOTT, 1975 [1969], p. 126).

O conceito de objeto objetivamente percebido e a consequente capacidade de uso do objeto destaca, assim, a centralidade do campo intersíquico, ou seja, da realidade e externalidade do objeto/outro na constituição do self. Os processos que permitem a possibilidade do uso do objeto no início da vida psíquica ocorrem no espaço transicional (ou potencial), quando está se desenrolando a diferenciação eu e não-eu. O conceito winnicottiano de fenômenos e experiências transicionais vai, no entanto, problematizar a complexa relação entre realidade interna e externa, reafirmando a indissociabilidade entre o indivíduo e seu ambiente.

A emergência do self no espaço potencial

“Temos aqui, então, dois lugares, o interior e o exterior de um indivíduo.
Mas será que isso é tudo?”
(Winnicott)

Winnicott afirma que importantes avanços do desenvolvimento individual acontecem no contexto interpessoal, através de experiências transicionais no espaço potencial, uma área intermediária entre o mundo interno e o mundo externo. Segundo ele, a emergência do self do bebê se dá no espaço intersíquico entre ele e sua mãe. Esta concepção envolve a sustentação da tensão paradoxal da simultaneidade da fusão e separação/diferenciação entre o eu e o não-eu, assim como entre internalidade e externalidade.

Para Winnicott (1975), inicialmente existe um estado primário de ‘fusão’ entre a mãe e o lactente que caracteriza uma experiência de continuidade. Gradualmente ocorre uma mudança no sentido de um estado de ‘estar com a mãe’, caracterizado pela contiguidade. Os fenômenos

transicionais marcam a transição do bebê do estado de fusão inicial com a mãe para uma condição de relação com ela enquanto um ser separado e externo. Como visto acima, tais experiências têm relação com a crescente capacidade da criança de reconhecer e levar em conta a realidade externa, marcando um importante avanço no seu desenvolvimento emocional. Este processo ocorre no contexto relacional e representa um progresso no desenvolvimento, levando o bebê a se constituir como uma pessoa inteira/total em relação com outras pessoas inteiras. A partir daí a criança estabelece um novo patamar no relacionamento com o mundo e na capacidade de distinguir a realidade interna da realidade externa, ao mesmo tempo em que mantém as duas conectadas e inter-relacionadas. Para além da relação primária, estas experiências iniciais têm implicações na capacidade do indivíduo de usar criativamente o que está disponível no seu ambiente ao longo da vida.

O espaço potencial é o lugar onde ocorrem os fenômenos transicionais, o brincar, o viver criativo e a experiência cultural (WINNICOTT, 1975). A emergência do self acontece neste espaço através da sobreposição de experiências entre eventos internos/subjetivos e o mundo objetivamente percebido. Por conseguinte, tanto o mundo interno, como a realidade externa contribuem para o que acontece no espaço potencial.

Objetos e fenômenos transicionais se referem ao campo da ilusão permitida no espaço potencial (WINNICOTT, 1975 [1971a]). A importância do ambiente é novamente destacada aqui, pois as experiências transicionais dependem de um ambiente facilitador. Quando o ambiente inicial é suficientemente bom, permite a vivência da ilusão criativa. A mãe suficientemente boa proporciona ao filho a oportunidade de encontrar, descobrir e criar o seio, oferecendo o seio real no lugar e momento em que o bebê está pronto para criá-lo. O lactente encontra o objeto/seio, o qual está no ambiente esperando para ser encontrado, como resultado da disponibilidade da mãe real. A experiência subjetiva do bebê, no entanto, é a de ter criado o objeto. Como afirma Winnicott, “[...] ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber” (1975 [1971a], p. 27).

A repetição da experiência de ilusão criativa na relação mãe-bebê permite o estabelecimento da área intermediária entre a criatividade primária do lactente e a realidade objetivamente percebida. Os fenômenos transicionais expressam o que acontece nesta área, onde são permitidas vivências que antecedem o teste de realidade. O objeto transicional é a primeira possessão da criança e representa sua relação pessoal com um objeto externo a ela. Os objetos transicionais, portanto, simultaneamente se relacionam com e se diferenciam dos objetos internos, assim como dos externos. Diferentemente do objeto interno, o objeto transicional não está sob o controle onipotente do bebê; por outro lado, não está totalmente fora de seu controle, como a mãe real. Em relação ao objeto transicional, Winnicott (1975 [1971a]) adverte que não se deve perguntar à criança se ela criou o objeto ou se o encontrou em algum lugar, pois tais perguntas colocariam em risco a valiosa experiência da ilusão consentida no espaço transicional.

Winnicott (1975) afirma a importância do desenvolvimento desta área neutra de funcionamento mental para a saúde emocional, a qual permite o repouso da constante e cansativa tarefa de distinguir realidade interna e externa. Mais importante, a continuidade de experiências que favoreçam a ilusão permite o brincar e a ação criativa, possibilitando a emergência de um senso de self.

Na medida em que o bebê cresce e se torna mais independente, ele se prepara para a experiência da desilusão que decorre da frustração vivenciada no ambiente. No entanto, ao longo da vida mantém-se a importância da área intermediária ou espaço potencial, a qual Winnicott (1975) afirma que pode ser identificada em diversas situações. Por exemplo: O que faz uma criança ao brincar? Onde estamos quando ouvimos uma sinfonia de Beethoven ou contemplamos uma obra de arte? O que acontece no encontro entre amigos ou em grupos? O que se passa na relação analítica?

É com o conceito de espaço potencial que Winnicott afirma de modo mais radical a relevância do ambiente e do contexto interpessoal na constituição da subjetividade. O espaço potencial é a principal área na qual o ambiente faz parte da vida do indivíduo (1975 [1971b]). Nesta área, o que parece ser a criação mais pessoal do indivíduo, aquilo que foi subjetivamente concebido (como, por ex., o objeto transicional), pertence a e depende do ambiente, da realidade externa, do outro. O ambiente e o outro tem, assim, uma participação constituinte do que se supõe a vida mental privada. Neste sentido, pode-se afirmar que não existe o indivíduo isoladamente, mas a unidade ambiente-indivíduo. O que emerge como experiência subjetiva e singular se dá no campo interpessoal, emergindo do e no encontro com o outro. No espaço potencial permite-se o paradoxo no qual o self e o outro sustentam, simultaneamente, sua diferença e conexão.

Repercussões do pensamento de Winnicott

A abordagem relacional de Winnicott pode contribuir com discussões contemporâneas nos campos da teoria do desenvolvimento psicológico, da clínica psicanalítica e da teoria social.

Como já indicado, a perspectiva relacional enfatiza a necessidade humana por relações e vínculo. O desenvolvimento da criança é, portanto, descrito em termos de mudanças nas necessidades relacionais e não, primariamente, a partir de zonas e atividades eróticas, como ocorre na psicanálise freudiana. Em sua teoria do desenvolvimento emocional, Winnicott (1990) enfatiza a experiência e a interação no e com o ambiente, destacando a relevância da resposta ambiental na realidade, como por exemplo a atitude e comportamento dos pais reais. Além disso, ressalta a externalidade do objeto com o qual as relações são estabelecidas e a centralidade das experiências no espaço potencial para o desenvolvimento emocional e a constituição subjetiva. Desta forma, sua teoria pode contribuir com uma abordagem ecológica e psicossocial do desenvolvimento humano, levando em conta a centralidade do contexto ambiental, incluindo-se condições históricas e culturais. O aprofundamento e expansão da aplicação do conceito de ambiente é um caminho promissor para tal empreendimento (ARAÚJO, 2007).

A abordagem relacional de Winnicott também traz implicações concernentes a clínica psicanalítica na atualidade. Sua perspectiva gera uma crítica rigorosa à ideia de 'neutralidade' do analista, enfatizando a importância do fator externo, ou seja, dos aspectos pessoais do analista (incluindo seus atributos, atitudes, disponibilidade, etc.), para além da projeção do paciente (WINNICOTT, 1990 [1962]). Em consequência, os aspectos da realidade externa envolvidos na relação analista-paciente são cruciais na compreensão e manejo da transferência. Ressaltar a dimensão relacional e dialógica do encontro analítico implica levar em conta que a comunicação (ou o silêncio) do analista revela aspectos de sua pessoa ao paciente com importantes efeitos na transferência (ver, por ex., BONAMINIO, 2011).

Em referência ao espaço potencial, a situação analítica é vista por Winnicott (1975 [1971b]) como uma área de superposição entre duas áreas mentais (lúdicas), a do paciente e a do analista, compreendendo a influência mútua e a cooperação do paciente no processo analítico e na construção da interpretação (WINNICOTT, 1990 [1962]). Tais considerações trazem importantes implicações para o debate acerca da delimitação do poder do analista, especialmente em relação à interpretação na análise (PHILLIPS, 1988). O analista, assim como a mãe na relação com o bebê, precisa esperar os sinais do paciente que o guiarão a responder às suas necessidades. De outro modo, sua presença será autoritária e intrusiva, não oferecendo ao paciente a oportunidade para uma participação ativa e criativa na análise. Assim, a perspectiva de Winnicott colabora com um modelo relacional mais igualitário na situação clínica, em sintonia com o debate contemporâneo acerca das relações de poder nos vários espaços de práticas sociais (CLARKE; HAHN; HOGGETT, 2008).

O pensamento psicanalítico de Winnicott pode, ainda, contribuir com a teoria social (CLARKE; HAHN; HOGGETT, 2008). Enfatizando as relações interpessoais e as experiências com a realidade externa, suas ideias podem ser ampliadas para o campo social mais amplo. Apresentando um modelo mais dialógico do que a psicanálise clássica, a perspectiva relacional busca compreender como a subjetividade e a experiência pessoal se constituem a partir e através de relacionamentos, os quais são inseridos e atravessados por contextos de classe social, etnia, religião, gênero, etc. Desta forma, pode contribuir com o debate acerca das experiências humanas na sociedade, incluindo as dimensões micro e macrosocial. Além disso, a teoria de Winnicott favorece o engajamento ético-político no exame das estruturas e relações sociais, na medida em que põe em destaque o fator externo, apontando para a experiência real no mundo e possíveis traumas produzidos por condições históricas e culturais adversas (HOGGETT, 2008). Apresenta-se, portanto, como potencial ferramenta teórica para o debate contemporâneo de relevantes questões sociais.

As implicações do pensamento relacional e dialógico de Winnicott indicadas acima geram questões que merecem um aprofundamento para além do escopo do presente trabalho.

Considerações finais

Inserido no contexto das tradições freudiana e kleiniana, o pensamento psicanalítico de Winnicott avança numa concepção relacional da subjetividade. Enfatizando os processos intersíquicos e a interdependência ambiente-indivíduo, o autor afirma que o que acontece na mente individual está interligado com o que acontece no contexto interpessoal. Para Winnicott, as relações interpessoais são constituintes do self, não existindo self fora do contexto relacional.

Destaca-se, por fim, a originalidade do conceito winnicottiano de espaço potencial, o qual permite o aprofundamento da perspectiva relacional na psicanálise. Este conceito apresenta o paradoxo de se sustentar uma posição que é simultaneamente de fusão e diferenciação do indivíduo em relação ao outro, afirmando a indissociabilidade entre o intra e o intersíquico. As experiências no espaço potencial caracterizam a formação de uma terceira área psíquica, a qual transcende o binarismo intrapsíquico/intersíquico, possibilitando uma perspectiva relacional integral. É no espaço potencial compartilhado com outras pessoas que o self criativo se constitui. A psicanálise na versão de Winnicott oferece, portanto, um modelo dialógico para compreender a emergência e a existência do self.

Sobre o artigo

Recebido: 20/06/2016

Aceito: 08/09/2016

Referências bibliográficas

- ABRAM, J. **A Linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ARAÚJO, C. S. **Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott**. 2007, 204 f. Tese (Doutor em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2007.
- BONAMINIO, V. **Nas margens de mundos infinitos...: a presença do analista e do analisando no espaço transicional em uma perspectiva contemporânea do pensamento de Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2011.
- CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis**. London: Karnac, 2008.
- FIGUEIREDO, L. C. A questão do sentido, a intersubjetividade e as teorias das relações de objeto. In: **As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2009, p. 115-130.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII, p. 89-179.
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 215-224.
- GREENBERG, J.; MITCHELL, S. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HAHN, H. Introduction. In: CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis**. London: Karnac, 2008, p. xiii-xxii.
- HOGGETT, P. Relational thinking and welfare practice. In: CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis**. London: Karnac, 2008, p. 65-85.
- IZOD, K. How does a turn towards relational thinking influence consulting practice in organizations and groups? In: CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis**. London: Karnac, 2008, p. 163-184.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides (1946). In: RIVIERE, J. (org.). **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 313-343.
- KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê (1952). In: RIVIERE, J. (org.). **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 216-255.
- LAYTON, L. Relational thinking: from culture to couch and couch to culture. In: CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis**. London: Karnac, 2008, p. 1-24.
- ORBACH, S. Democratizing psychoanalysis. In: CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The**

Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis. London: Karnac, 2008, p. 25-44.

PHILLIPS, A. **Winnicott.** London: Fontana Press, 1988.

WINNICOTT, D. Ansiedade associada à insegurança (1952). In: _____. **Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 163-167.

WINNICOTT, D. O uso de um objeto e relacionamento através de identificações (1969). In: _____. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 121-131.

WINNICOTT, D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1971a). In: _____. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 13-44.

WINNICOTT, D. O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self) (1971b). In: _____. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 79-93.

WINNICOTT, D. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. **Natureza Humana.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. Os objetivos do tratamento psicanalítico (1962). In: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 152-155.

ZEAL, P. Staying close to the subject. In: CLARKE, S.; HAHN, H.; HOGGETT, P. (orgs.). **Object Relations and Social Relations: The Implications of the Relational Turn in Psychoanalysis.** London: Karnac, 2008, p. 45-64.